

# O “MARESCRITO” DE MARGUERITE DURAS É “ANCESTRAL”?

ELIZABETH BITTENCOURT

## O “MARESCRITO” DE MARGUERITE DURAS É “ANCESTRAL”?

MARGUERITE DURAS: IS THE “WRITTEN SEA” “ANCESTRAL”?

ELISABETH BITTENCOURT<sup>1</sup>

[a.elisabeth@uol.com.br](mailto:a.elisabeth@uol.com.br)

<https://orcid.org/0009-0005-2324-4248>

### Resumo

Baseando-se em estudos freudianos e lacanianos, este artigo pretende descrever um panorama das origens dos significados do mar na escrita de Marguerite Duras. Sem dúvida, é o mar de sua infância, já que ela nasceu à beira mar, à beira rio. Mas é muito mais: o mar provém de seus sonhos, é um desconhecido, vem de longe. Vem do “umbigo do sonho”. Em seus deslocamentos e condensações, o mar produz uma escrita feita de buracos, lacunas que não se preenchem, mas que seduzem o leitor. É um mar na “alíngua”, prenhe de “restos”, traços, lituras a serem decifrados. É, ainda, um mar feminino, onde mora Yemanjá, mar selvagem, erotizado. Assim, o mar de Duras atravessa os continentes e os invade com sua imagem que não se submete à representação, mas que, por outras palavras, cria outras verdades. Um mar ancestral que traduz as ameaças que a mãe Gaia vem sofrendo.

**Palavras-chave:** Mar-sonho. Infância. Escrita. Ancestral.

### Abstract

*Based on Freudian and Lacanian studies, this article aims to describe an overview of the origins of the meanings of the sea in the Marguerite Duras' writing. Undoubtedly, it is the sea of her childhood, as she was born by the seaside, by the riverbank. But it is much more: the sea comes from her dreams, it is an unknown entity, coming from afar. It comes from the "navel of the dream." In its displacements and condensations, the sea produces a writing filled with gaps, voids that cannot be filled but that seduce the reader. It is a sea in the "lalangue," pregnant with "remnants," traces, and erasures to be deciphered. It is also a feminine sea, where Yemanjá resides—a wild, eroticized sea. Thus, Duras' sea crosses continents and invades them with its image that does not submit to representation, but rather, in other words, creates new truths.*

<sup>1</sup> Psicanalista e Escritora. Especialização em Psicolinguística (UNICAMP-UFMA); Associada do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Rio de Janeiro). Publicou diversos artigos publicados em Revistas de Psicanálise e os seguintes livros: *Vaidade no Feminino* (2012), *Rumores Internos... Entre o Mal-Estar, A Psicanálise e o Direito*. No prelo: *Eu e Elas. Elas em mim*.

*An ancestral sea that translates the threats that Mother Gaia has been enduring.*

**Keywords:** *Dream-sea. Childhood. writing. Ancestral.*

## O “Marescrito” de Marguerite Duras é “ancestral”?

Ela. De novo? Mais uma vez? *Encore*? Ela e eu. O mar que eu vi desde menina. O mar de Trouville de Marguerite Duras. O mar da Barragem de Marguerite Duras. Seu sargaço mar da infância...

O mar que sempre entrou pelas palavras de Marguerite... Dessa vez; resplandece. “Vê-se que o esplendor do mar está ali, ali também nos olhos do menino” (Duras, s/d, p.11). Outra luz. Zoom no mar. Se faz, cintilar... *Alumia suas cercanias? Umbigo do sonho?*

Traz o belo e o infamiliar. Um não saber se instala. Nossa douda ignorância. “Nada sei desde que cheguei ao mar”. Nos afogamos em nossos inconscientes. Luscos fuscus da existência. *Umbigo do sonho?*

Um dia quente de verão. O mar que eu vi desde menina. Meu mar. “Diz-lhe que olhe bem (...), o mar, a cidade ao longe, todos esses barcos de pesca, esses ruídos, escute que é o verão dos seus seis anos” (Duras, s/d, p.35). Palavras de letra. Palavras de imagens? Cor. Traz a cor. Um dia azul de verão. Meu verão. Palavra. Imagem. Cor.

As letras azuis se evaporam do mar... Sol tropical. Sol quente. Muito quente! *Não existe pecado do lado de baixo do Equador?*

O suor escorre... *Como os restos dos rios que escorrem para o mar?*  
*Como os restos dos rios que escorrem para o mar?*

Os rios arrastam restos do mundo para o mar. Argilas ancestrais. Pedras que rolaram por aí... Tudo isso corre em direção ao mar que os aguarda. Como um destino certo. “Essa argila toda atravessada por nascentes doces e que pouco a pouco avança, escorrega para o mar” (Duras, s/d, p.8).

As nascentes dos rios de Marguerite são doces? Filetes de rio, como os que sempre vi no Rio de Janeiro. Às vezes, degradados como o rio Carioca. Amazônicos, como na foz do Rio Amazonas, em Macapá. Águas profundas. Não se vê o outro lado. O petróleo está de olho nele, bem ali na foz do rio Amazonas, em Macapá. Lembro do rio Doce do Ailton Krenak, lá pelas Minas Gerais, que ele nomeia como Watu, seu avô.

O lixo do mundo também escorrega para o mar... Coisas muito diversas. Detritos. Asteróides. Coisas. As mais diversas. Pedacos de coisas de gente que distraidamente joga coisas no mar. Objetos não identificados. Lixo nada degradável. Garrafas ancestrais, desde o tempo que foi inventada a escrita. Sócrates reclamou. Achou que íamos perder a carnalidade do oral. Os analfabetos letrados dessa nação continuam a existir. Temos escutado mais suas vozes nos últimos tempos...

### **A Nação Brasil ou Pindorama, seu nome mais ancestral...**

“O sol agora saiu das colinas e inunda a praia, o mar, o menino” (Duras, s/d, p.45). Um dia claro de verão. Um sol forte encena o dia. “Perto de mim, esta praia repleta, esta revolução solar no arco do céu” (Duras, s/d, p.53). O suor na pele escorre... Esfrego minha pele, que arde, na linguagem. Provo seu gosto. *Como no momento, em que saio do mar?* Sinto o gosto do mar! Forte. Estranho. Salgado como o mar. Sargaço mar. *Costo de barro com sal? Como o mar ancestral? Desde os primevos tempos da existência?*

*La mer*, em francês. O mar, em português. Ambas as palavras vêm do latim mare. Era uma palavra de gênero neutro. Quando esse gênero se perdeu, os idiomas que do latim descendem, ganharam artigos masculinos e femininos.

*O mar que se soletra em masculino é diferente do mar que se soletra, em francês?* O meu mar em português, queria ser feminino. A rainha do mar na mitologia afro-brasileira é Yemanjá. Nada mais mulher que Yemanjá. Sabemos também que, para os deuses ou deusas das mitologias que ainda conservam o “selvagem” da existência, se muda de sexo nos rituais. *Quiçá nos corpos?*

Na Psicanálise também. Transitamos do campo do masculino para o campo do feminino, e isso sem ter uma correspondência anatômica, como os atuais tempos, confirmam. Os representantes das diversas performances de gênero, que o digam. Também não existe uma inscrição

no inconsciente que diga o que é o sexual. E mais, para Lacan, a relação sexual não existe.

Quando penso mar no masculino, preciso do sol: “Escutou-se o que diziam: ah, finalmente o sol, eu preciso do sol, o sol é a vida” (Duras, s/d, p. 23). O sol, que é pai de todas as cores, como canta Caetano Veloso, erotiza o meu mar no masculino. Como se o sol feminizasse o mar. *Será que é o meu gosto pelo feminino que traz Eros à cena?* Mas ... a erótica de *La mer*, inclui Tântatos. “Do outro lado do mundo, o mar, este daqui, levado por um vento de duzentos e cinquenta quilômetros por hora, libera a força da bomba de Hiroshima a cada quatro segundos. Lá ele se chama Ciclone Allen. Nenhuma invenção humana poderá jamais reduzir sua força ou mesmo mitigá-la” (Duras, s/d, p. 46).

Quem rege o mar é a *Natureza*. Isso se dela estivermos apartadas. Se o mar entrar pela cosmovisão dos indígenas brasileiros, ele é nosso parente, mas tal parentalidade é regida por uma língua desconhecida. A língua de Gaia. Deusa mãe geradora de todos os deuses e criadora do planeta.

Os Humores de Gaia... Os ventos... “Instala-se o hábito desse céu inconstante, dessa rota dos ventos que tangem as chuvas e os loesses até as fronteiras da China” (Duras, s/d, p. 46). O vento faz música. Há quem escute. Dorival Caymmi escutou. *Há quem decifre?* Os xamãs escutam. Marguerite escuta? Sei que ela escuta os animais, nossos parentes mais próximos: “Ela não pensa o tempo todo em morrer, dizem os animais, às vezes ela esquece. Eles se calam de novo. Ouve-se um chamado. É ela, dizem os animais” (Duras, s/d, p. 46).

Os ventos. Os raios. As chuvas. Reino de Tupã, segundo o mestre indígena Tatá que nos conta como uma língua conta a história de um povo. Memórias ancestrais que os anciãos contam. Cantam para seus netos. Contam com a carnalidade do oral. As marés. O calor. O frio. O mar me deixa na beira da metáfora...

Os múltiplos efeitos da ordem do “orgânico” influenciam sobremaneira, a existência de Gaia. Conforme a banda, Eros ou Tântatos, se “monstram”. Tântatos aparece quando os homens resolvem comer as

montanhas, como vi nas serras de Minas Gerais, terra do poeta Carlos Drummond de Andrade que já sentia na pele a destruição do “colosso de ferro” que era o Pico do Cauê, na sua Itabira natal, ainda na década de 1940. Ele nos “monstra”. Nós, os humanos. Estes que ocuparam uma centralidade na criação do mundo terrestre e global. Gaia para alguns...

O mar também tem uma história ancestral, dos primeiros tempos, quando se formaram os oceanos... A língua dos humanos, nos conta desses mitos de origem... E também das histórias do mar. Das histórias de amor. Do pescador que não voltou. Da morena que se bronzeia em suas areias. Essa mistura de beira com areia luminosa, que fica na beira do mar. O mar me deixa na beira da metáfora...

O mar na alíngua... Aquela que registra os efeitos do inconsciente. *O meu mar tropical é diferente do mar de Marguerite?* “(...) e depois ele disse que havia entendido não se sabe o que, e que vai embora para a Guatemala, um pouco de mar quente no inverno, é bom para a bronquite crônica e nada mais” (Duras, s/d, p.38). Sei que eles são parentes. Tudo da mesma família, como dizem os indígenas dessa nação Brasil... Aqueles que habitavam o sul da Bahia e que viram os primeiros colonizadores chegarem com roupas que cobriam o corpo quase que todo, mas eles eram não todos, como todos nós...

Depois, como não podia deixar de ser, os figurinos viraram roupas de carnaval. Antropofagia equatorial! Esse país é o tal? Não sei. Só sei que a alegria é a prova dos nove, como dizia o poeta mor Oswald de Andrade que adivinhou nosso país. Terra Brasilis. Único país que tem nome de árvore. Madeira que dá em doido...

### **O mar de Marguerite Duras.**

O mar de Marguerite se espraia pelas nossas ventas... “Debateu-se por muito tempo sob o dia que o iluminava como se tivesse de terminar essa trituração imbecil de suas próprias águas, presa de si mesmo, de uma inconcebível grandeza” (Duras, s/d, p.70). O mar de Marguerite embaça nossa visão. Atiça nosso olhar: “o mar está alto, quieto, com a superfície

lisa, perfeita, uma seda sob o céu pesado e cinzento” (Duras, s/d, p.41).  
 Embaça e atíça. Ao mesmo tempo! Ao mesmo tempo, repito em bom  
 tom. Uma voz em mim ecoa. Não existe contradição no inconsciente!  
 Reverbera. Não existe contradição no inconsciente! Nos cega. Cegueira  
 que alumia outras cercanias. *Umbigo do sonho?*

O mar de Marguerite invade o vazio. Entra pelos nossos sonhos.  
 Escorre pelas frestas de Eros e Tanatus. Se quer buraco. Se quer absoluto.  
 Se encena. Entra pelo mundo das palavras. *Ele se quer escrito? Pelos vãos  
 e desvãos do sujeito?*

Assim é o mar de Marguerite. Alcança um enigma em ação. Só os  
 restos se decifram. Na maioria das vezes, nem isso. Se somos capturados  
 por esse mar, só nos resta, nos entregar... *Sem uma palavra que sirva de  
 boia?* Nós nos deixamos levar... O perigo é abismal. Na beira de...

## **Marguerite Duras conversa com Michelle Porte**

*O mar de Marguerite se diz todo?* Ela diz que sim. Que no filme *La  
 femme du Gange*, tudo estava escrito, mas ela se faz perguntas. Nos faz  
 perguntas. *A imagem não abarca o mar? É por isso que Marguerite quer  
 que ele se torne escrito?* Mas, como ela mesma diz, ela só capturou uma  
 parte. Um resto que não se diz, precisa, mais ainda, ser “decriptado”. *A  
 escrita não dá conta de dizê-lo?* Ela, Marguerite, diz que sim. Marescrito,  
 digo eu. “Que é tudo como se estivesse escrito” (Duras, 2012, p. 90). Mas...  
 ela faz perguntas...

Marguerite escreve com a letra do inconsciente. O inconsciente se  
 escreve nessas combinações languageiras que escrevem os sonhos. A  
 língua régia do inconsciente. Em *La femme du Ganges*, ela diz que

É assim como se tudo estivesse escrito, como se *La  
 Femme du Gange* fizesse um texto, mas que precisa ser  
 decifrado. Enquanto eles caminham pela beira do mar, está tudo  
 escrito, tudo escrito, *mas eu só capturei uma parte*, voyez vous,  
 quando eu escrevi verdadeiramente *La Femme du Gange* ou  
*L'amour* (Duras, 2012, p. 90).

*Outras partes? Para onde foram?*



## A Escrita dos Sonhos.

Estrutura. Sonho. Escrita. Estrutura quer dizer linguagem. Falta um na cadeia discursiva. Há deslocamento.

Sonho. Trabalho do sonho. Pensamentos dos sonhos. Nossos pensamentos inconscientes. Não nos damos conta deles. *Cadê? Onde é que eles estão?* Eles se escrevem no sonho. *Na escrita? Na escrita dos sonhos? Na escrita de Marguerite Duras?*

Aqueles trechos a que damos muita importância, encharcados de sentido não escrevem os sonhos. Estão apenas lá como troços que quase se dizem por si mesmos, de tanto sentido.

Nos sonhos, pelo contrário. *E na poesia também?* O sonho se serve... Quer se escrever daqueles trechos. Nada importantes. Que estão ali a se oferecer... Restos diurnos... *Restos do dia que ocultos estavam pela franja do inconsciente?* Sem importância. Eles querem se escrever ali. Nos sonhos... No lusco fusco da existência. Qualquer coisa. Vestígios. Traços. Destituídos de relevância. Trechos...

A escrita dos sonhos não se interessa pela representação. Ela quer escrever aquilo que restou da sobredeterminação. Condição para a Psicanálise existir. *Sobredeterminação*. Presença de recalque. Pedacos de palavra. Pedacos de fonemas que brincam. Soltam estilhaços de letra. Novas palavras surgem. Mudam de lugar. Outras verdades surgem. Outras cenas. *A dança da sobredeterminação?*

Uma pluralidade de fatores heterogêneos. Passíveis de receber diferentes interpretações. Todas verdadeiras. A própria sobredeterminação em ação... O beabá do alfabeto. Qualquer coisa que insiste em se escrever e encontra no sonho uma estrutura benfazeja para se dizer.

Alguns pedaços de palavra que se afundou no mar do inconsciente e que insiste em emergir das profundezas. *Do mar? Do inconsciente? O mar traz as profundezas do inconsciente?* Depende do sonhador. Alguma mistura de argila com sal. Algas. Areia. Arraias. Águas vivas. Seres que clamam por existir na língua dos humanos. *Na escrita dos sonhos?*

Para Isso, é preciso que o trabalho do sonho se realize, forçando passagem, se apoderando dos elementos vazios de sentido e se escrevendo. No limite da coisa. Na borda da escrita. Bordando palavras não ditas. Inauditas. Malditas. Benditas. Plenas de dizer. Será preciso que haja um leitor que leia suas lituras... *Mistura de pedra com letra?* Litura que demarca uma fronteira. *A escrita de Marguerite Duras tem estrutura de sonho?*

O trabalho do sonho transforma os pensamentos dos sonhos inconscientes, vamos adotar essa nomeação, em conteúdo do sonho. Lacan diz que: “Uma das dimensões do sonho é a de fazer passar certa palavra” (Machado, 1998, p.136). E o de que se trata nos sonhos, é forçar essa passagem. Transferência. *Übertragung*.

O trabalho do sonho retira a intensidade dos elementos de alto valor psíquico. Ao mesmo tempo que a sobredeterminação, presença de recalque, transfere maior valor aos elementos que aparentemente têm uma menor importância. Formas errantes. Vazias de sentido. Ocas. Reduzidas ao seu aspecto formal. Suporte para que a letra do inconsciente se escreva nos sonhos. *E no marescrito de Marguerite Duras?*

## O Inconsciente

O inconsciente tem um tempo próprio. Um ritmo. Abre e fecha. *Como a boca de um jacaré?* Em um dado momento, ele se abre. “Graças a certos elementos”. Contíguos. Aparentemente imprecisos. Sem muito valor psíquico. Rastros. Lituras. Na beira do ilegível... *Impressos pelas combinações languageiras que a letra do inconsciente escreve?*

Freud e Lacan identificam o “indecifrável do sonho com o indecifrável dos hieróglifos (...) A dificuldade é a mesma nos dois casos e reside justamente nos mecanismos e nas leis que regem o funcionamento da escrita” (Machado, 1998, p.137). É preciso saber decifrá-los...

O inconsciente abre e fecha diante de alguns sinais languageiros. Uma espécie de partitura. O sonho escreve. Força a passagem. Faz passar. Se as condições forem favoráveis. Se as circunstâncias forem auspiciosas.

No tempo preciso, o sonho faz seu trabalho e o sujeito pode, se aproveitando bem da situação, “*decrypter*” seu sonho, como Marguerite diz. *Qual seria a melhor tradução para essa palavra?*

Lacan dizia que a letra de Marguerite escrevia o inconsciente. O mar de Marguerite está mergulhado nas profundezas do inconsciente. *E também em suas bordas/beira?* Ela aguarda que de suas ondas brotem palavras. Pingos. Zoadas. Respingos. Vozes ancestrais que murmuram. Que falam. Os indígenas brasileiros escutam essas vozes. Os Xamãs as decifram...

A escrita do mar de Marguerite Duras vem do sargaço mar de sua Indochina. Do mar invadindo o mangue, trazendo à tona o precário. Escrita dos efeitos que a falta dissemina...O nadica, de nada... Ela em sua tenra infância. Não se tem quase nada. Quase nada. Não se possui bens. Nasceu nessa terra, mas seus ancestrais são franceses. *Em plena Indochina? O que os franceses estavam fazendo lá na Indochina? Tão distante da também ancestral Europa?*

## **Ilegível?**

“Freud nos mostra como a palavra, que força passagem nos sonhos quer fazer passar uma palavra. A transmissão do desejo” (Machado, 1998, p.136/7). Este, pode se fazer reconhecer através de qualquer coisa. Como canta Caetano Veloso: “Mexe qualquer coisa dentro doida. Já qualquer coisa doida dentro mexe”.

Desde que essa qualquer coisa “esteja organizada em um sistema simbólico, lá está a raiz do caráter, durante muito *tempo* indecifrável, do sonho” (Machado, 1998, p.137). Precisamos voltar ao beabá linguageiro. *Para fazer análise? Marguerite escreve o beabá do inconsciente?* Diz ela: “Enquanto, no filme, está totalmente escrito, mesmo os momentos de deambulação silenciosa são momentos escritos, talvez não legíveis, mas escritos” (Duras, 2012, p.90).

Qualquer imagem. Qualquer figura pode funcionar como escrita. Passível de ser lida. Essa é a condição. Para tal, é preciso que, a imagem

antes de tudo, “possa funcionar como letra (...). Sua função representativa deve ser deixada de lado” (Machado, 1998, p. 137). Marguerite escreve com essa letra: “O mar é completamente escrito para/por mim (...) São como as páginas, “voyez”, páginas plenas, ilegíveis de tão escritas” (Duras, 2012, p. 91).

Ilegíveis de tão cheias de escrita. Encharcadas de não-sentido? Ilegíveis de tanto estarem cheias de escrita? De serem plenas de escritura? “Ainda que, na escritura, propriamente falando, há somente uma parte daquele *escrito que passa*, como se não pudesse escrever isso que excedeu, *bien sôr*, a linguagem, ou a escritura propriamente dita” (Duras, 2012, p. 91). Contanto, digo eu, que o escrito que passa, possa ser lido!

Ser legível. Estar legível. *Qual a diferença entre eles?* Isso atravessa todos os sistemas de escrita” (Machado, 1998, p. 138). Todos os mares de escrita. Os indígenas do tronco Guaraní chamam o mar de *Pa*. *Pa* quer dizer mar em Guaraní. Águas grandes. Os povos da floresta. E também os da Costa brasileira? Mares ancestrais ao Brasil. No sul da Bahia... Lá onde esse colóquio nasceu. Vem de lá a alegria desse meu escrito... O mar ancestral do Brasil...

Lacan nos diz que é “graças à leitura que a escrita pode surgir, e não o contrário, como sugere a intuição” (Machado, 1998, p. 139). *Uma escrita de imagens? Sim, desde que seus elementos visuais sejam passíveis de serem escritos por fonemas ou letras?*

O mar é completamente escrito para/por mim (...) páginas plenas, ilegíveis. (...) Em suma, *oui*, lá está posta a questão do cinema, da imagem. Pode-se sempre ser transbordado pela escrita, pela linguagem, quando se traduz um escrito, *n'est-ce pas*. (...) Enquanto que na imagem você escreve tudo, todo espaço do filmado está escrito, ao cêntuplo do espaço do livro (Duras, 2012, p. 91).

## O Ancestral

A memória ancestral carrega os ecos dos romances familiares. Das gerações... Os ecos da história do mundo e dos seres expandidos pela cosmovisão indígena brasileira. Seres de outros reinos. Palavras

impregnadas pelo inconsciente. Mergulhadas no não saber. Rastros. Pegadas. Troços. Fonemas apenas. Consoantes solitárias que não acham suas vogais. Aquelas “ancestrais” ao nascimento do rebento...

Palavras encharcadas de afetos. Apartadas do consciente, mas que se escrevem no corpo. As primevas experiências da infância. Todas inaugurais. A mágica e o desespero dos primeiros passos na existência. Os ganhos. Os mimos. As perdas. As substituições. Tudo Isso como o inaudito da primeira vez!

Na clínica, quanto mais escuto, mais me espanto com o vigor das primeiras impressões psíquicas. Quase inabordáveis. Parcas memórias. Ao mesmo tempo, com forte poder de ação sobre o sujeito. Transfiguradas pelos sintomas psíquicos que agem com vigor. Que insistem. Se repetem, pedindo escrita. Memórias vivas. Aquelas que escrevem os traumas infantis. Vivas pela atualização dos sintomas...

## **Mar ancestral**

O “ancestral” correu para o meu *Marescrito* de Marguerite Duras, levado pelo gosto e alumbramento que tenho pelo mar, carioca que sou. E também, pelo gosto que tenho desde a infância, pela vida “selvagem” dos povos originários. Pretos e Indígenas. E também, com um acontecido...

O mar de Porto Seguro, sul da Bahia, azul-azul, verde-verde, entrou pelos olhos de Luciene e ela lançou seu desejo para o mundo das possibilidades... Elisabeth: “O que você acha de organizarmos um colóquio sobre o mar na obra de Marguerite Duras?”. Eu, louca pela Bahia que sou, fiquei arrebatada pelo desejo dela. No mar do sul da Bahia... Foram nessas águas que os colonizadores invadiram as terras indígenas de Pindorama. A nação Brasil nasce desse roubo genocida. Fiquei siderada. Respondi logo que sim e falei, de pronto, vamos chamar esse colóquio de “Mar Ancestral”.

O mar do sul da Bahia era ancestral ao que iria se tornar a nação Brasil. Ancestral aqui no sentido de anterior. Uma invocação ao tempo ancestral... Antes de tudo... “Remando para trás, em busca de tempos

arcaicos, invocando nossos ancestrais indígenas. Nossos pais dizem que nós já estamos chegando perto de como era antigamente” (Krenak, 2022, p. 2).

Esse desejo me animou e me encantou. Quando dei o primeiro título a este escrito, o mar “ancestral” ainda não estava lá. Foi quando escutei Ailton Krenak chamar o rio Doce, que banha as terras dos Krenak, em Minas Gerais, de avô, já sabendo que a terra/Gaia era sua mãe, fiquei me perguntando pelo mar. *Qual seria a parentalidade dos mares com os indígenas?*

### **O Marescrito de Marguerite Duras é “ancestral”?**

O *Marescrito* de Marguerite é escrito pela letra do sonho. O inconsciente rege essa escrita. Ela, Marguerite, além de outros, suporta essa condição. Sua escrita fica nas cercanias do *Unerkannte*, do não reconhecido, e às vezes encontra um cenário, no mar, – mas não se diz –, só se murmura. O mar está ali. Próximo. Escutamos suas ondas. Nos perdemos nessa visão encantatória...

Encontramos Anne Desbarades. Lol V Stein. Encontramos a moça sem nome, de Nevers, em *Hiroshima, Mon Amour*. A analfabeta francesa que conta suas estratégias para se virar, analfabeta que é, num mundo de letrados. O menino superdotado que ela encontra numa família de mendigos franceses, e que não quer ir para a escola, pois já sabe tudo que eles lá vão ensinar...

A posição de Marguerite é de alguém que suporta escrever a letra do inconsciente. Letra agarrada na poética. Esta, sempre vai ser “ancestral”. Marguerite encarna a lógica da ancestralidade. Tudo já estava nela, antes de tudo...

E é desse lugar, topos, impregnado pelo precário, comandado pela falta de sentido e que fica nas cercanias do não reconhecido, umbigo do sonho, que Marguerite escreve: “Quando comecei a não poder evitar tais livros, digamos... só posso falar assim... e a não mais tentar evitá-los, pensei

que não haveria leitores. Veja o perigo, é imenso, é abismal. Mas apareceram leitores...” (Duras, 1974, p.15).

Para Marguerite, escrever é não conseguir escapar dessa desgraça que ela chama de maravilhosa:

A desgraça maravilhosa é, talvez, essa tortura, essa solicitação que não dá um momento de desfogo, esse arrancar-se de si que nos deixa abandonados e perdidos quando deixamos os livros de lado. (...) Ser o objeto da loucura de si mesmo e não ficar louco com isso, talvez seja isso, a desgraça maravilhosa. Todo o resto é lucro (Duras, 1988, p. 156).

O ruído do mar entra pela janela aberta...

Mais ainda...uma palavra encantada dos Guaranis. *Palavralma*.<sup>2</sup> Numa palavra só: a alma e a palavra. Quando elas se separam a doença aparece. A tarefa do Xamã é trazer de volta o elo da separação. Se ele conseguir alcançar tal feito, o sujeito se cura da doença que separou a palavra de sua alma.

Por fim, palavras de Marguerite que anunciam o fim do mundo:

(...) na última viagem da terra rumo a sua esterilidade definitiva, esse apagar pouco a pouco da fina película de vida que a cobre. Sabe-se que começará pela rarefação das águas, depois pela das plantas, dos animais, e que isso acabará por completo com uma doce e terna desesperança de toda a humanidade restante, que eu chamo de felicidade (Duras, 1974, p. 42).

## Referências

DURAS, Marguerite. *O verão de 80*. Trad. de Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Record, s/d.

DURAS, Marguerite. *Olhos Azuis, Cabelos Pretos & A puta da Costa Normanda*. Trad. de Adriana Lisboa. Belo Horizonte: Relicário, 2023.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Trad. de Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

---

<sup>2</sup> Palavralma é uma palavra que a psicanalista Suely Rolnik encontrou em sua pesquisa sobre a cosmologia dos indígenas Guaraní.

DURAS, Marguerite; PORTE, Michelle. *Les lieux de Marguerite Duras*. Trad. livre de Leo Gonçalves. Paris: Minuit, 2012

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Trad. de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DURAS, Marguerite. *Os olhos verdes*. Crônicas publicadas em *Cahiers du cinema*. Trad. de Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

DURAS, Marguerite. GAUTHIER, Xavière. *Boas Falas. Conversas sem compromisso*. Trad. de Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Record, 1974.

FRANÇA, Jyan Carlos Sales de. *Marguerite Duras : potências de intertextualidade e a escritura da imagem*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2020

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. Pesquisa e Organização: Rita Carelli. São Paulo: Cia. Das Letras, 2022.

LACAN, Jacques. *O Saber do Psicanalista*. Seminário 1971-1972. Publicação para circulação interna. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 1997.

MACHADO, Ana Maria Netto Machado. *Presença e Implicações da Noção de Escrita na obra de Jacques Lacan*. Ijuí, Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 1998.

MOREIRA, Giselle ; ESTRELLA, Renata et alii (org.). *Não se pode e se escreve*. Ensaios sobre Marguerite Duras. São Paulo: Sabiá, 2020.

QUILLIA, Mariana Bisaio. *Crônicas de um verão: um estudo da escrita de Marguerite Duras em O verão de 80*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais, 2020.

RENNO, Celso A função da escuta. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho*, 3ª Reg., v.51, n.81, jan./jun.2010. Belo Horizonte, p.393-397 *Revista da Prática Freudiana*. Revirão. Rio de Janeiro: Aoutra, 1980.

**Recebido em:** 14 de junho de 2024

**Aceito em:** 20 de agosto de 2024